

The background of the cover is a painting in a somber, earthy palette. It depicts a man in silhouette, sitting on a wooden bench and looking down. In the upper left, a woman's face is faintly visible with her eyes closed. To the right of the title, there is a faint heart shape. The overall mood is contemplative and melancholic.

ENIGMAS

Poesia

César dos Anjos

Enigmas
César dos Anjos

*“Tudo o que vejo ou que suponho
Não passa de um sonho dentro de um sonho?”*

Edgar Allan Poe

01

Assim

O amor é sempre triste
se não for triste
não é amor
É alguma outra coisa

Alguma outra coisa
que não é amor
pode ser triste
ou pode ser não—triste

Mas é sempre triste o amor

Todas as coisas não-pedras
são outro caminho
que não um caminho de pedras
Esqueço-me destes caminhos
em minha ausência de pedra

Entendam-me
não sou pedra
Sou menos duro
em meus limites minerais

Quando interroguei as pedras
no caminho ausente
disseram-me de sua necessidade
de serem pedras
Apenas pedras no caminho

03

Morrer

É o fim de todas as coisas
que interessa às sombras
Não há ser início
se não se é meio
para um fim

Todas as coisas se interpretam
a si mesmas
Todos os sons serão silêncio
no crepúsculo
nas pegadas banais
apagadas pelas ondas
de si mesmo

Esperança é palavra sem significado
quando o tempo cai
nas arestas da vida
Carnes fracas abatidas
corpos surdos na escuridão

Nas montanhas
as árvores expressam sua piedade
sua verdejante e alheia piedade
às silhuetas de vapor
que se esvaem
com o calor da amargura

É tempo de morrer

04

Sal

A água e o sal cozinham
minha carne
pele ressequida pela estrela–amarela
Choques de calor no último janeiro
queimaram minhas vibrações táteis
Olhos escondidos na luz
Miragem
Alucinação
Desequilíbrio

LOUCURA

gosto marinho na praia azul
Nas águas brancas
de oceanos sem lágrimas
Algas vivas
morrendo na areia salgada
aos pés de Netuno

Entre ser e morrer
há apenas silêncio
e algumas reticências...

...viver é mais absurdo que ir-se
Quando imagina-se uma fruta
arrancada de uma árvore
tão sozinha e silenciosa
em suas objeções
Tão delicada a ponto de separar-se
involuntariamente de sua mãe—vegetal
Temos a certeza de que o efêmero
o temporário — o passageiro —
faz parte da morte
Não é a Vida quem dita as regras

Renúncia é o centro gravitacional
da passagem por este mundo
imundo
mundano
irracionalizante
Destoante modo de pensar
se penso
Este pensamento já morreu em si
passou como um naufrago
que jamais será encontrado

A vida são vozes ignoradas

preciso encontrar outra maneira
de encontrar-me
Perco-me sempre que
busco meu reflexo no espelho
na artilharia do próprio olhar
inquisidor
Na artimanha do gesto
de mão buscando a lenha
para a fogueira

Perder-me não é senão
flutuar no tempo
ventos febris apagando minhas pegadas
Deserto engolindo oásis imaginários
algumas tonturas choram
outras buscam lágrimas alheias

Sonhos de vidas
jamais existidas
Sonhos abertos como um mapa
de estradas esquecidas
Sonhos de outras vidas
metamorfoses
zoonoses
mitoses
Cromossomos
somos
sonhos
Sonhos — para quê?

Cálices recebem ouro
e outros sentimentos menos valiosos
recebem margens de rios
Cores inalteradas de ideias
cores ensimesmadas
desfolhadas por nuvens cinzentas

Mãos de meninas jogando pétalas
e beijos ao ar parado
colorizado por mãos adultas
Mãos masculinas
traçando vórtices e códigos
costurando teias e teorias
olhos envidraçados
carregados de fumaça
Mãos femininas brancas e nuas
e negras e pálidas
e sonhadoras
e rosas e jasmins
E vícios plásticos na retina
retendo todas as emoções
calando todas as sentimentalidades
Todas as músicas das guitarras
aguardadas como um trovão

Relâmpago—arauto

Sinto as primeiras gotas de chuva no Jardim
Seu dedo toca-nos as faces ruborizadas
Fomos expulsos mais uma vez

A morte é um fato
o corpo é a evidência
às vezes é a ausência

Clara sedução de passarinho
absorvendo a memória
dos seres e das coisas inanimadas
Vozes enigmáticas
volições metálicas
em nuvens metafísicas
e palavras sem dor

Passaram-se muitas eras
até que a menina-ave retornasse
à casa de seus pais

E foi longa a comemoração

Tudo quanto vivo
todas as palavras suicidas
as ilusões de universo
os melodramas de inundações aéreas
os arregimentados de poder
as ideologias psicossomáticas
todas as teorias interplanetárias
tudo quanto sofro
e sinto
e revivo

é para dizer somente quão fútil
e indisciplinado fui
em minhas elasticidades
Minhas dimensões são de lava
escorrendo pelos teus olhos em chama
meus mistérios são angústia
meus tempos verbais
uma escala de interrupções

Minha taça é amarga
como um beijo de doença
que deteriora as sensações

A esta altura sofreste a tortura
que é meu olhar de além-túmulo

Fugiram gestos e sinais de tua carne

agora os remanescentes da linguagem
tomam chá em xícaras coloridas
como a dança do arlequim
ao redor das princesas e das prostitutas

gente astuta
gente extática
gente apócrifa
Pessoas estacionadas ao luar passageiro
pequenas leituras em leitos frios
de rios em câmara lenta

Festas carnais e rituais selvagens
de quimera em segundas núpcias
Lilith enciumada pelos filhos do trovão
baldes cheios de suor sagrado

Choraste trinta e duas vezes
antes do leão rugir nas montanhas

Os planos divinos começam
nas cordas do coração
nas silenciosas conexões cerebrais
Naquele instante as ondas emudeceram
o ar parado reafirmou seu calor

os limites do horizonte alargarão
suas forças magnetizadoras
Zeus enciumado de suas amantes
arrancou os olhos do demônio
e os lançou aos chacais

Minhas bordas são menos ásperas
e menos minhas as visões de mundo
Quaisquer tolices guardadas na gaveta
atordoam o silêncio do peito

12

Ontem

Andando pelas ruas da capital

vi muitas coisas mortas

animais mortos

edifícios mortos

sonhos mortos

ideologias mortas

palavras mortas

promessas mortas

pessoas mortas vi

andando pelas ruas da capital

Há nas borboletas algo de futurismo
suas asas em movimento ilusório
voltas pelo ar quase invisível
o marrom e o preto e o amarelo
indicam um não sei quê
de seriedade tardia
O azul e o branco e o cinza
lembram-me aquele dia que se perdeu
— guardado na inconsciência —
e que traz um sorriso bobo de infância

O vermelho e o laranja
são coisas doidas paradas na estrada
perdidas entre dois caminhos opostos
entregues a lembranças obsoletas
O verde e o lilás brigam entre si
buscando em si mesmas
sua personalidade inalterável

Há algo de novo no coqueiro imóvel
nas cartas não enviadas
nas perguntas não respondidas
com medo de errar
Há algo de antigo no frio serrano
nas ilhas abandonadas
pelas explosões nucleares
nos dogmas sem obituário
e nas curvas do deserto

Há vida bastante para qualquer suicida

Quando não sabemos
se estamos vivos ou mortos
o mundo fecha-se à imaginação
Rodeados de fantasmas
e palavras pungentes como o mercúrio
e insetos voadores gigantes
no sobe-e-desce de elevadores

espirais emitindo sons inaudíveis

formas intocadas na lama
Múltiplas estações sobre a colina
de um segredo sussurrado às estrelas
bactérias destruindo pulmões:
São minhas dores correndo ao teu lado

Mulheres vaidosas como casca de maçã
jantando em lugares esquecidos
enquanto os soldados de chumbo
corrompiam dezoito bailarinas russas
na primeira manhã nublada
de um filme de ficção científica

o cachorro sozinho
na calçada
não é um cachorro
sozinho na calçada

é um animal volúvel
com sua idiossincrasia

Há borboletas demais
para morrermos apagados
elas sobrevoaram o tormento
dos porcos em setembro

e choraram rios de prata sem harmonia
onde peixes nauseabundos
navegam às costas de um tigre dormente

Entregaste tuas riquezas
aos últimos cérebros positrônicos

Amanhã já é um dia velho
pois somos um todo

Cosmos em ebulição constante
entre atmosferas díspares
consagrando suas devoções
às pseudociências trazidas do além
radiestesia comparativa dos vikings
regurgitando alçapões nucleares
nas esquinas do Trópico de Capricórnio

Onde há visões
a Terra paralisa suas dores e angústias
em cima dos telhados
barítonos mudos enjaulados
e bailarinas chorando a própria lentidão
corpos são canções em desequilíbrio
aguardando a salvação dos versos
à margem de um rio
que corre para trás

Todas as músicas surgiram
no fervor do Big Bang
antes do Tempo

Prisões

não fale de amor a um crustáceo
podemos construir montanhas no mar

não conte histórias emotivas
a uma hiena no cio
podemos dançar ao redor de Baobás

não atropele um alce em setembro
suas córneas servirão de jantar
aos colonizadores indo-europeus

não aponte o dedo ao coração duma ave
podemos arregimentar multidões
de parasitas em estradas colaterais
até que chegue Netuno e espete
seu tridente em nossas algemas

nunca cante rotinas à tarde
quando o farol iluminar os olhos
do tigre adormecido ensolarado
podemos desviar os furacões do Caribe

não fale de amor às rosas no Carnaval

cavernas de ursos pardos
enchem-se de turistas no Cazaquistão

ao menos trinta dias separam
suas palavras das palavras dos ursos
rugidos são a forma de comemorar
sua lentidão de pensamento

olhamos nos olhos vazios carnívoros
e sentimos a corrupção de outras eras
envenenar nossa bulímica sociedade
em desespero e em degradação

paramos
esperamos
e foi tudo o que nos restou

chorar é a primeira forma de sentir
esqueça o dia em que nasceu
esqueça os perfumes do colibri
esqueça os sonhos sem cor
esqueça a estátua da ponte
esqueça a água suja dos rios
esqueça as paredes descascadas
esqueça o voo das nuvens de chuva
esqueça as pegadas na praia
esqueça o sorriso dos avós
esqueça a primeira imagem na tevê
esqueça a dor da traição
esqueça a voz de Neil Armstrong
esqueça os dias de sol no Agreste
esqueça o suspense de Psicose
esqueça as aulas de Matemática
esqueça as quadrilhas juninas
esqueça como é bom dormir
esqueça as brincadeiras de criança
esqueça as letras das canções
esqueça o próprio nome
esqueça a fome e a dor e a doença

apenas esqueça o sentir
lágrimas não valem o sal de suas veias

com uma mão fizeste o sol
girar o tempo
com a outra fizeste o mar
nascer salgado

tudo se fortalece
sob a imensidão do teu olhar infinito
os tempos tornam-se poeira
os gelos eternos viram vapor
as vagas dos ventos
são o sopro de teus lábios divinais

então a matéria desconhecida
gira ao redor do berço de estrelas

Sonhaste com a perfeição de teus filhos

um novo enigma
em teu peito Criador

chorando

enquanto lia Watson

o ar puro

e muitas

recordações

sinto o amanhecer
com tamanha profundidade
que os meus olhos
enchem-se de fumaça

para onde correu o amanhã
das tuas dores de tigre?

lembre-se de cantar
com a força de seus pulmões
de vulcão
paisagens são memórias
e esquecimentos
da natureza
e suas sombras

o hino mais grave
do vazio
notas ásperas de cetim
amarrando as colunas
da Criação

Se eu ainda fosse humano

23

Vivo

Morrer.

Morrer?

Não sou de morrer

Sou a etapa contrária

Sou o entorpecimento

Sou a contradição

Sou o ressurgimento

Sou a coligação

Mas não sou de morrer

Não morro

Permaneço

24

Jardim

Caíram

folhas mortas

da árvore

da Vida?

Ou tudo

é apenas

um jogo

de palavras?

25

Alturas

sei que o imortal
sobrevive às montanhas

mas como escalar o Everest
me daria a Eternidade?

farei conexões com as estrelas
darei palestra aos asteróides
instilarei a sabedoria
na mente dos cometas

enquanto a dor
permanecer
junto às galáxias

27

Corredeiras

a tristeza dos rios

é nunca permanecer

28

Alteza

um estranho
transformado em rei
será sempre um sapo
às princesas de novembro

29

Manhã

Somos a morte
em estado líquido
desejando a chuva
na primeira aurora
da humanidade

ventos gelados na pradaria

Fator indesejado

esqueceste teu futuro
guardado em gavetas
de não-lembranças

arriscando perder o alvo
nas asas de fadas bestiais
um vulcão tremeu
suas dores inconstantes
na garganta da madrugada

inóspita ressurreição
invocada pelas vozes mudas
no ar ferido pelo silêncio

és o verdadeiro senhor da ilha naufragada

cada percepção
de si mesmo
é um autoimplemento
do próprio DNA

sinapses
na velocidade
de um pensamento

se há tristeza
há um ser correndo
com as batidas
de seu coração

lágrimas vertidas
pela criança
em meu peito

somos carne
e dessa carne insondável
surge a ternura

aí reside o sentimento

Obstáculo

conquistas
são enigmas
revelados no sonho

múltiplas volições
inquietando o espírito

acreditamos na forma
rompemos as barreiras
superamos as fronteiras
do espaço e do tempo

chegamos aos limites
do universo
desarmados
incompletos
segmentados

justificados

e a breve melodia
interrompeu
o zunido
de cada
silêncio

fui
e já não sou mais

Silêncio

é a beleza das palavras que
emudece os espíritos sensíveis

é a beleza do silêncio que
torna visíveis os sons inaudíveis

um viajante
inclinou-se à beira do tempo
delírio de um abismo trovejante
entre cordas vocálicas
e pesadelos na curva do Sol
emissão de luzes metálicas
no córtex pré-frontal

um viajante
é um sentimento dos planetas
e das luas congeladas pela distância
e pela distinção silvícola
homo sapiens quase evoluído
assombrado por vozes de poeira
verbos a 300 mil km por segundo

Shakespeare sonhou com um e-book

não sei dizer quem sou
embora as evidências me assoberbem
na penúltima vigília do meu cérebro
imaginei trezentas torres de marfim
destruindo minha eloquência

retórica de anônimos
e de bruxos enfileirados
na estação das orquídeas negras

ainda não digo quem sou
mas o mundo dorme
enquanto exalo versos de olhos amarelos

Recomeço

tua pureza não espanta
tuas dores assintomáticas
teu grito é uma fúria
nos anais mitológicos

sentimos tua presença desde o princípio
das luzes não-criadas
correram cinco braços de rios
nos jardins esquecidos

Observem a metamorfose das aranhas!

nomenclaturas são inépcias
dirigidas aos mares lusíadas
nos últimos segundos da Eternidade

o vento trouxe
no silêncio da tua ausência
flores vivas
e folhas mortas

pedras trançadas nos cabelos
cores esquecidas no tempo

horas esverdeadas
na angústia do teu pesadelo

o passado revivido
em duas pétalas de dezembro

ontem sonharei com pardais e ametistas

sonhos são feitos de espuma
e de coragem
e lentidão

o amanhecer do espírito
é o túmulo das trevas

sondei a casa de fumaça
e mastiguei duas borboletas

elas eram duras como metal cristalizado

antecipei tuas volições
um quarto de hora é o suficiente
para morrer
se morrer é o teu sabor

enxerguei tamanduás azuis
dançando em bailes pantaneiros

eram quatro da manhã
de uma segunda-feira cheia de dores

e cores amargas no crepúsculo

41

Estação

melhor que a lua cheia
é o teu olhar adocicado no verão

olhar preenchido de estrelas

algoritmo silencioso
navegando em código Morse
no carnaval pernambucano

As (últimas) Veias do Tempo

eu não te percebo
até cair no jasmim
é um som que amadurece no peito
silencio teus cavalos
com um beijo de outras portas
assim levantaram o mercúrio
nas ondas de madame Curie
atravessada por setas envenenadas
um tropel de fantasmas
guiados por buldogues envelhecidos
nas câmaras de tortura
do primeiro governo de Faraó
buscaram doze mulheres nos hieróglifos
encaixotados na Virginia
somente as manhãs esquecem o choro
teu sono é um perfume de amianto
tua palavra saboreia uma lágrima
teu corpo encarnou uma multidão
tua dúvida é a sombra de Akhenáton

não te percebo cair na escuridão do meu olhar
onde o amor ainda é triste